

Mensalidades caras unem os líderes

Com mochilas nos ombros, cabelos compridos, braços ou pernas tatuados e muita vitalidade para participar de uma passeata de mais de 30 quilômetros, milhares de secundaristas e universitários da rede particular de ensino saíram caminhando e cantando pelas ruas da cidade, esta semana, para protestar contra os aumentos nas mensalidades escolares e pressionar o Ministério da Educação a revogar o decreto 95.720. A bandeira de luta, que uniu líderes da União Nacional dos Estudantes (UNE), Associação Metropolitana dos Estudantes Secundaristas (Ames) e União Estadual dos Estudantes (UEE), além de representantes de grêmios estudantis e de diretórios acadêmicos, era uma só: a união pela derrubada do decreto.

As manifestações tiveram o apoio de pais e da sociedade. Os estudantes eram aplaudidos por adultos e crianças do alto das janelas dos edifícios e os motoristas, mesmo presos nos congestionamentos causados pela aglomeração, saíam dos carros para aplaudir. As Polícias Civil e Militar também colaboraram, ordenando o trânsito, e em nenhum momento usaram de violência para reprimir os manifestantes.

— Nas passeatas de 1968, a Polícia reprimiu e as mobilizações cresce-

ram — disse William Alberto Campos, Diretor da UNE no Rio e um dos principais líderes do movimento. — Sem a repressão policial, diminui também a perspectiva do confronto político organizado. Acho que, por isto, a Polícia do Rio deve estar vivendo uma contradição: ou reprime e mantém sua autoridade, correndo o risco de a manifestação se voltar contra o Governo, ou não reprime, tentando desta maneira desmobilizar o movimento. O fato é que o apoio da população ajuda muito, porque na França, na década de 60, a Polícia só começou a reprimir quando o Governo percebeu que a população estava deixando de apoiar as manifestações estudantis.

William vê muitas semelhanças entre as manifestações estudantis deste ano e as de 1968. Apesar de ter nascido no momento exato em que a mobilização estudantil no Brasil ganhava força, ele acha, com base nas informações que leu nos livros e que recebeu de amigos, que naquela época os estudantes saíram às ruas para protestar contra a taxa de matrícula nas escolas públicas.

— A diferença objetiva mesmo, entre as passeatas de 1968 e as de 1988, é que naquela época não havia Metrô para os estudantes chegarem ao Centro da cidade — brincou.